



NOITE DE LUA

CHEIA

POEMAS E CONTOS

ELENIR ALVES
Organizadora
selo

REVISTA PROJETO AUTOESTIMA

ELENIR ALVES

ORGANIZADORA

Copyright © por Autores

Organização: Elenir Alves

Projeto editorial: Ademir Pascale

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores

Obra protegida por direitos autorais

2021

Patrocínio:

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com



SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO POEMA OU CONTO

A alegria de avô e neto, por Augusto Filipe Gonçalves, pág. 05
Conexão dos Desafios, por Eloisa Menezes Pereira, pág. 10
Sequelas do tempo, por Eloisa Menezes Pereira, pág. 12
Você, por Donatelo Day, pág. 14
Transformação, por Filip Carpenters, pág. 20
Quando nos conhecemos, por Marcos Paz de Souza, pág. 24
Angústia cortante, por Maria Eduarda Ferrari Gazola, pág. 27
Uivo, por Roberto Schima, pág. 29
Excelentíssima enfermidade, por Samira Bernassi Silveira, pág. 37
Anjo e Demônio, por Tiziana Perozzo Strazzeri, pág. 40
Conheça outros títulos da coleção, pág. 43

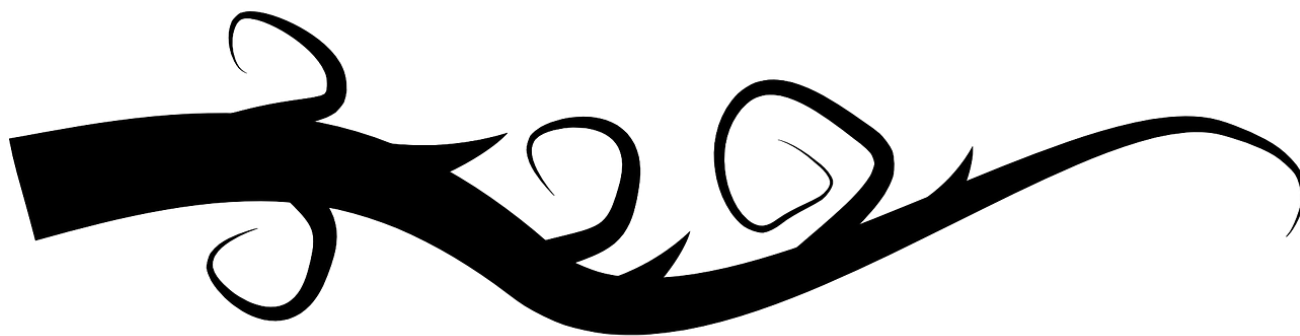
Organização, capa e diagramação: Elenir Alves - elenir@cranik.com

VISITE:

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

www.facebook.com/projetoautoestima

www.instagram.com/revistaprojetoautoestima



“Na lua da noite em uma escuridão o lobisomem se torna uma fera.”

— Edvaldo Augusto Pedroso da Silva



APRESENTAMOS A CONTO
A ALEGRIA DE AVÔ E NETO

Por Augusto Filipe Gonçalves

Augusto Filipe Gonçalves, natural e residente em Penafiel. Sou jurista de profissão. Licenciado em Direito, Pós-Graduado em Ciências Forenses, Investigação Criminal e Comportamento Desviantes e Mestre em Ciências Jurídicas, Internacionais e Europeias. A nível literário sou autor do Livro: Sofia, A Visão Poética Filosófica e co-autor de diversas Antologias em Portugal e no Brasil.

Heitor era um menino ruivo, que vivia numa grande quinta com a avó Lara e o avô Nicolau. Heitor gostava muito de ir com o avô Nicolau passear pelo campo, andar a semear, plantar. Tudo quanto fosse vida do campo Heitor sentia-se realizado.

Certo dia, o avô Nicolau que em jovem foi um grande futebolista, chamou Heitor: Heitor, anda cá ao avô!

Que se passa, avô! Aonde vamos? – perguntou o pequeno Heitor

Vou-te dar uma prenda! – diz o avô todo orgulhoso, com ternura na voz

Heitor abre os olhos com um brilho enorme, pois o carinho que tinha pelo avô era muito especial e quando este lhe dava uma prenda, era motivo para uma felicidade completa.

Agora vais fechar os olhos e só os abres quando eu disser! – diz o avô Nicolau, satisfeito também ele por prender a atenção do neto.

Está bem avô! Mas aonde vamos? – insiste o pequeno Heitor

Tem calma! Já vais ver! – diz o avô Nicolau

Assim que chegaram, diz o velho e doce Nicolau para Heitor: Já podes abrir os olhos!

Heitor, mal acaba de ouvir o avô, abre os olhos e fica feliz por este o ter levado a uma enorme loja de desporto.

Que máximo! Tantas bolas! Tantos equipamentos, tantas cores! Ai avô adoro, adoro! – diz o pequeno Heitor

Agora só te vou deixar levar um equipamento e uma bola! – diz o avô Nicolau

Heitor olha para um lado, olha para o outro e, vê os equipamentos.

Olha avô, olha aquele laranja e vermelho! Parece cor do fogo! ! Quero aquele! – diz Heitor todo entusiasmado

Está bem! E agora a bola! Vamos ver a bola que queres! Vou ter um neto futebolista! – diz o avô Nicolau

Heitor viu as bolas verdes, encarnadas, azuis, mas a que fascinou foi uma bola muito branca e logo disse: E quero aquela bola branca, pois branca é a cor da paz.

E tu também tens de levar! Vamos ser sempre da mesma equipa! – diz Heitor entusiasmado

Não sei! Sabes que eu não tenho a tua idade, folia e as minhas pernas, já não são o que eram! – responde o avô Nicolau que não contava com aquele comentário do pequeno Heitor

A senhora da loja, ao aperceber-se da conversa entre o avô Nicolau e o pequeno Heitor, mostra-lhe um equipamento igual em tamanho maior.

Espera aí, que vou vesti-lo! Só tu a queres-me vestido como futebolista nesta idade! – diz avô Nicolau

Assim que o avô Nicolau sai do vestiário, ao apresentar-se ao neto este fica radiante.

Que máximo avô, que máximo! – diz Heitor

O avô Nicolau, apesar da alegria do neto, quis na mesma olhar uma segunda vez para o espelho, para ver como ficava.

Está bem! Mas agora, temos de os tirar para pagar! – diz Nicolau satisfeito, quer pela felicidade de Heitor, quer por ele próprio que apesar de não assumir, também queria ter um equipamento igual ao do neto.

O avô Nicolau, assim que começa a tirar o equipamento e a vestir-se, coça a cabeça por não esperar aquela despesa extra.

Chegados à caixa, quando o avô Nicolau vai para pagar, a funcionária diz-lhe que por ser dia de aniversário da loja, os equipamentos estão com 50% de desconto e, que as bolas de futebol em cada duas, pagava só uma.

O avô Nicolau ficou satisfeito e Heitor ao ver a reação do avô, dá-lhe um abraço imenso de satisfação, com sinceridade.

Agora, quando chegarmos a casa, vamos vestir os equipamentos e vamos para o campo de jogos fazer uma partida! – diz Heitor

Tem calma, não sei se sou capaz! – diz o avô Nicolau

Passado um bocado, chegaram a casa. A avó Lara diz: Onde é que vocês foram? Demoraram tanto tempo!

Foi o teu neto! – diz o avô Nicolau

Vamos-lhe mostrar? – comenta Heitor todo entusiasmado

Vai-te lá arranjar, que eu vou já atrás de ti! – diz o avô Nicolau

Mas aonde é que vocês vão? Parecem dois miúdos! Que andastes a fazer? – comenta a avó Lara

Espera e verás! – diz seu marido

Passado um bocado, Heitor e Nicolau descem as escadas equipados a rigor.

Ah? O que é que eu estou a ver? – diz Lara muito surpreendida

Nós os dois somos agora da mesma equipa! Não sabemos o nome, mas somos! – diz Heitor

Oh Nicolau! Tu perdeste a cabeça! Que comprasses o equipamento para o teu neto tudo bem, agora para ti? Vai jogar agora com esta idade? Ainda arranjas problemas! – diz Lara apreensiva

Bem avó, agora vamos jogar, tu vais ver! – diz o pequeno Heitor

Heitor e Nicolau levam Lara até ao parque da cidade.

Lara, contente pelo marido e pelo neto, mas por outro lado apreensiva, pois apesar do marido não querer dar parte fraca, temia que este se lesionasse.

A certa altura, Heitor diz para Nicolau: Vai para a baliza!

Heitor começa a recuar para ganhar balanço, Nicolau entre os postes e, assim que a bola se aproxima Nicolau atira-se pelo ar e agarra a bola para surpresa de todos.

Estás bem? Estás bem? – pergunta Lara

Claro que está! – diz Heitor, desvalorizando a idade do avô, como se esta, fosse só um simples número

Heitor levanta-se com a bola nos braços e diz: Ainda cá estou para os relvados!!!

Lara, preocupada com as acrobacias do marido e, já a ver aproximar a hora do jantar diz: Bem, agora é hora de irmos embora, para tratar do jantar.

Chegaram a casa, Heitor e Nicolau foram tomar um banho enquanto Lara fazia o jantar.

Sentaram-se todos à mesa, jantaram animados, pois afinal, tudo está bem, quando acaba bem.





APRESENTAMOS O POEMA
CONEXÃO DOS DESAFIOS

Por Eloísa Menezes Pereira

Participou de 30 Antologias Poéticas, várias publicações nos jornais: Diário Gaúcho, Zero Hora e Jornal do Povo. Professora de Língua Portuguesa.

Desperto das lembranças

Revivo as andanças

Silêncio nas saudades

Fortalecem as afinidades

O tempo vacina a memória

Ressalva a vitória

Egos multiplicam a diversidade

No espaço convergem a cumplicidade

Culturas arrebatadas

Na indiferença são alienadas

Com a História sobrevive

E na literatura revive.

Transformações naturais

Articulam convivências estruturais

No último estágio consciente

Seu olhar permanece resiliente





APRESENTAMOS O POEMA
SEQUELAS DO TEMPO

Por Eloísa Menezes Pereira

Participou de 30 Antologias Poéticas, várias publicações nos jornais: Diário Gaúcho, Zero Hora e Jornal do Povo. Professora de Língua Portuguesa.

No silêncio da História
Depredações rejeitam a Vitória
Altruístas são protagonistas
Da esperança pelas conquistas

Adormecidos pelo poder
Trituram o prazer
Gerando transformações
Enterram as emoções

Humilhados na ignorância
Produzem a ganância
Mutações reagem
Delineando a aprendizagem



A hand with long, dark, claw-like fingers holds a glowing blue globe. The globe is covered in a map of the world and is surrounded by a dense field of bright blue and white sparkles, giving it a magical appearance. The background is dark with scattered white stars.

APRESENTAMOS O CONTO

VOCE

Por Donatelo Day

Donatelo Day nasceu em São Paulo e se formou em Rádio e TV, mas a escrita sempre foi sua maior aventura. Quando criança escreveu pequenas histórias e poemas sobre mundos e gatos mágicos; adulto, ainda que adore o mundo da fantasia, gosta de expor sentimentos reais do dia a dia em suas histórias.

Klinkerfuss estava em seu bagunçado apartamento, solitário, observando um outdoor com uma mulher de biquíni e óculos escuros que dizia: “Não beba *tanto*”. O apartamento de Klinkerfuss era o único a ter a pequena sacada aos fundos do prédio decadente e, em meios a tantas desventuras de sua vida, se achava verdadeiramente sortudo por isso. Observava a noite além do outdoor com ansiedade, tinha uma missão a cumprir e disso sentia profundo propósito, como se tudo em sua vida o tivesse levado àquele momento. Na tarde morna de mais cedo, Klinkerfuss recebeu seu mais novo telescópio pelo correio e poderia agora fazer análises e observações muito mais avançadas do universo. O último que tinha, top de linha à época do lançamento, trouxe descobertas incríveis, mas algo dentro do coração gelado e mal dançarino do rapaz o dizia para se preparar porque a próxima descoberta seria, no mínimo, magnificente.

Seria uma descoberta científica avançada? Um novo planeta, uma nova nação, um novo animal, uma nova espécie? Ele mal conseguia conter as possibilidades, então, desde que recebera o aparato, sentou na curta sacada e esperou a noite assentar como uma inegável amante. E como brilhava ela com suas joias coloridas no céu. As estrelas, satélites, luas e planetas visíveis eram um mar de possibilidade, mais, um universo literalmente de possibilidades.

Ainda que se sentisse sortudo por ter certa exclusividade com o fundo do prédio apenas para si, Klinkerfuss sofria da taça amarga da solidão. Como gostaria de ter um vizinho com quem compartilhar uma banalidade, qualquer que fosse, como a vaca que virou truta. Esse mistério, como qualquer outro, Klinkerfuss pretendia descobrir olhando o céu. Somente o mistério da solidão do coração parecia-lhe insolúvel.

Observou o relógio no pulso que, geralmente, ao invés de dispor números convencionais, mostrava as horas em cenouras finas: uma hora era uma cenoura fina, duas horas eram duas. Fora uma presente que ganhara há muito, muito tempo, mas não falava ou pensava muito sobre. Ficou animado ao perceber que ao invés das habituais cenouras, no pulso jazia a frase **ESTÁ NA HORA** e então desceu o olho pela ocular do telescópio. Ia avançando universo adentro, como se tivesse criado asas e estivesse seu

próprio corpo a passar por nuvens, camadas de poeira, estrelas e um grande fundo preto salpicado pelas mais maravilhosas maravilhas: planetas de diversas cores, um sol no fundo, rotante, vermelho e quente. Passara por uma chuva de meteoros e uma miríade de anjos, que Klinkerfuss podia jurar que tinha o saudado. Passou por auroras boreais, essas diferente do que pensava, voando de planeta em planeta, fazendo suas mágicas em seus respectivos céus.

Viu algo ainda mais avassalador. Uma explosão silenciosa de rochas, fogo, gelo e perfumes desconhecidos iluminou tudo ao redor num dourado de cegar e com isso formou-se um planeta parecido com o lar de Klinkerfuss, mas mais dourado e com verdes e azuis mais intensos.

Era isso mesmo, afinal. Histórias e planetas se formam das mesma maneira, hum, pensou Klinkerfuss, impressionado.

Sua viagem intergaláctica não podia trazer maravilhas mais magníficas, ele pensou, mas ainda assim, seu coração sussurrava em seu ouvido que a maior delas, a mais estonteante, estava prestes a chegar. Pendurado em seu telescópio, ele a viu e então soube do que se tratava.

Não era ciência ou religião ou uma mistura de ambos. Era um fenômeno somente possível ser mesmo de outra galáxia, porque Klinkerfuss nunca vira antes ser mais genuíno e belo. Tinha ela apenas um grande olho violeta, cílios longos e cabelos louros que desciam por seus ombros, esverdeados como a de um sapo moço. O olhar, esse olhar, era o mais terno e profundo que já vira, mesmo a anos-luz de distâncias, entre sua própria lente e a que tal ser utilizava. O mais fascinante de tudo, o que mais embebedou a alma de Klinkerfuss em êxtase e deslumbramento, é que mesmo a essa distância quase impossível de se criar conexões, ela o olhava também por seu próprio telescópio. Ser olhado daquela forma fez Klinkerfuss tomar outro rumo em sua vida e tudo à partir daquela noite estava para mudar.

Os próximos dias do jovem solitário, mas agora embargado pelo amor, se basearam em uma nova espera e alguns estudos. A nova aquisição chegaria às 20:03

daquela noite pelo correio. Um minutos após a entrega, a caixa já tinha sido rompida e Klinkerfuss, impossível e esconder sua felicidade, gotejava lágrimas ansiosas que desaguavam como pequeníssimos rios.

Era o mais novo e útil foguete para viagens individuais. Nunca havia usado um antes, mas conhecia sua fama e passou várias horas lendo e se habituando ao uso. Não era nada muito difícil. Era preciso mirar, angular corretamente e colocar fogo. Não podia dar errado: mirar, angular, incendiar.

Quando a noite entre os astros apareceu um pouco atrasada, mas ainda vestindo seu mais preto vestido de veludo, ele soube que a hora era ideal, pois as cenouras sinalizavam tal.

Fez os passos com maestria e deu uma boa olhada para seu quarto, imaginando o que seria a vida daqui em diante. Talvez não voltasse a ver seu quarto, que lhe acolheu como uma mãe nos dias mais intensos de chuvas e raios, e tal sentimento o pesou um pouco o coração, embora estivesse destinado como nunca. Tocou pela última vez a teia de aranha que ficava de baixo de sua escrivaninha, soando uma nota de violino.

Adeus, Georgia!, Klinkerfuss pensou na pequenina aranha e seus oito olhos inofensivos que na teia habitava.

A angulação estava perfeita, faltando apenas o fogo. Assim que acesso, as faíscas coloridas já chiavam para todos os lados, brilhantes. Quando o fogo chegou onde tinha que chegar, foi uma explosão muito bonita.

O foguete se colocou em movimento como um foguete em um cartum e cortou o céu tão rápido que fez Klinkerfuss ter que segurar com força a alça e rir ao frio na barriga. Tinha um bom espaço, então depois do tranco, se equilibrou.

Ao sair da exosfera e chegar ao preto e a seus astros maravilhosos e dançantes, esses que conhecia bem por detrás de telas e lentes, pensou que poderia sentir frio, mas nada do tipo calhou. Ocorreu, apenas, um sentimento maravilhoso que preenchia cada veia de seu corpo em euforia e contemplação, nem frio nem calor, mas perfeição. O universo era realmente lindo e misterioso, e guardava todas as respostas existentes. Por

cada maravilha que passava com o foguete, recobrava mesmo que tudo em sua vida, cada lástima e pequeno triunfo, tinham o levado para àquele momento. *Estou chegando, estou chegando!*

Animou-se quando passou pelo novo planeta dourado e viu onde seu destino estava o tempo todo. O foguete seguiu e tomou curso para uma aterrissagem plena e bem-feita.

Klinkerfuss acabou parando um pouco mais distante de onde tinha visto ela, o ser de seus sonhos, mas não achou ruim ter que andar até a beira do planeta, passando por vales bonitos e roxos, inteiramente vazios, para encontrá-la.

Pensou que acompanhado dela seria muito fácil se acostumar àquela natureza e beleza diferente. Todos sabiam como Klinkerfuss era solitário por viver em um mundo só dele, e o mundo dele, pensava agora, sempre pareceu com aquele exato planeta, daquela exata cor.

Chegou ao ponto preciso, mas assustou-se ao vê-lo vazio. De lá, era possível ver alguns sois, seu planeta natal bem pequenino e a Lua do Mar, a maior de todas. Fuçou de um lado, fuçou do outro, mas não encontrou nada. Nenhum sinal dela. Pensou que poderia olhar pelos vales, mas e se ela aparecesse bem na hora que estivesse partido? Resolveu que esperaria o quanto precisasse.

Então, observando o chão laranja de areia fina, percebeu ali perto algo no chão e animou-se ao perceber que era um telescópio, mas não somente um telescópio qualquer. Era o telescópio dela! Tinha de estar perto. Klinkerfuss o tomou em suas mãos, colocou seu olho pela ocular e não pôde acreditar no que viu.

Seguindo o exato curso inverso que ele tinha feito, ela voava num foguete improvisado rumo ao planeta natal de Klinkerfuss, sem jamais olhar para trás.

Ele olhou para os lados a procura de algo que pudesse gerar fogo. Não se preocupou em trazer nada do tipo porque não pensou que precisaria voltar a usar seu foguete.

Klinkerfuss continuou solitário. Em meio a vales bonitos, mas silenciosos, seu coração não dançou.

Talvez um dia ela volte.

Talvez um dia me encontrem.

Talvez um dia eu me encontre.



A glowing blue globe with a hand holding it, set against a starry background. The globe is the central focus, with a hand reaching up from the bottom to hold it. The hand is dark, and the fingers are spread, gripping the globe. The globe itself is bright blue and has a map of the world visible on its surface. The background is dark blue with many small white stars and some faint, wispy light trails. The overall mood is mysterious and cosmic.

APRESENTAMOS O CONTO
TRANSFORMAÇÃO

Por Filip Carpenters

Nascido no interior de Pernambuco, cresci com um desejo enorme de contar histórias, muitas delas de terror. Busco na escrita um meio de me expressar e sonhar enquanto desejo ser um escritor de renome.

Vejo um clarão no céu. As nuvens estão carregadas de chuva. Está muito frio, nem o agasalho mais aconchegante faz meu corpo parar de tremer... Meus ossos ardem, a dor é tão forte que sinto como se eles estivessem se partindo ao meio. Não consigo parar de me arranhar, restos de pele se espalham por todo o quarto. Se isso for um prenúncio da morte, por favor, Senhor, deixe-me ir para junto dos teus anjos mais lindos cujos são capazes de curar qualquer ferida, pois pequei quando vim para este mundo. Ô Deus, livrai-me deste sofrimento! Se minha carne sucumbiu ao satanás faça ela queimar por inteira de uma vez!

Consigo por fim abrir meus olhos, um alívio! Percebo que tudo não passava de um tremendo pesadelo, nada de ruim havia acontecido e o sol reinava num céu limpo. Mas em compensação eu estava toda suada como se tivesse corrido uma maratona intensa nas quentes ruas de Recife.

— Está tudo bem, filha? — perguntou meu pai do outro lado da porta.

— Sim.

— Tá certo. O café tá pronto!

— Já estou descendo!

Queria falar sobre meu sonho para ele, porém o simples fato de lembrar aquela cena me dava calafrios. Foi tudo tão real e tão estranho na mesma proporção que eu não saberia dizer se já me ocorrera coisa assim alguma vez.

Enquanto tomava um banho bem gelado para despertar de vez, vi pelos enormes nas minhas pernas e em grande quantidade nas minhas partes íntimas. Uma anomalia, de fato, pois havia me depilado ontem — disso tenho certeza —, não era possível crescer essa quantidade de pelos em menos de um dia. Peguei de novo mais uma lâmina descartável e raspei tudo até não restar nada.

Meus pais estavam numa troca de carícias inusitada na cozinha, quase não notaram minha presença quando, enfim, pararam de se beijar.

— Filha! — disse meu pai encabulado. — Torrada?

— Não, obrigada, tô atrasada.

— Coma uma fruta pelo menos — insistiu minha mãe.

— Tô levando maçã na bolsa.

— Tá certo — ela respondeu de forma arrastada.

— Não se esqueça que hoje é o grande dia! — falou meu pai bastante alegre.

— Roberto! — gritou minha mãe.

— Grande dia? — perguntei confusa.

— É o grande dia da final do campeonato do Brasil! Sport e Santa Cruz na final — ele disse num entusiasmo nada espontâneo. — Claro que não vamos perder. Não é, Tamires?

— Claro, querido — minha mãe respondeu, mostrando-me um sorriso forçado.

Na escola não consegui prestar atenção nem nos assuntos das aulas mais simples, as escritas no quadro para mim eram como borrões sem significado. As expressões matemáticas pareciam símbolos satanistas de algum ritual possessivo. As vozes dos alunos faziam meus ouvidos chiarem de dor, mas nenhuma delas me dava mais repulsa que a da Renata Oliveira. A miserável tinha um veneno tóxico no jeito de falar e no tom, bastava abrir a boca para espalhar isso por toda a minha corrente sanguínea. Como eu odeio essa garota!

O último sinal tocou às dezoito horas, a lua cheia iluminava o céu estrelado quando todos já estavam prontos para partir. Peguei minha mochila e deixei a escola com uma vontade enorme de descansar. No caminho, Renata e as amigas começaram suas provocações para cima de mim, xingaram-me de vários nomes pejorativos enquanto riam de qualquer besteira. Um ódio crescente tomou conta de todo meu ser fazendo meu coração palpitar descontroladamente, num ataque de fúria jamais antes vista. De repente minhas unhas cresceram na mesma velocidade em que meus pelos surgiram, meus caninos rasgaram os lábios para aumentar de tamanho, meus ossos se deslocaram e esticaram em proporções inacreditáveis, e meus músculos ficaram iguais a de um bodybuilder. As garotas gritaram de pavor quando deram conta da transformação, uma delas não conseguiu nem segurar a urina. Agora era minha vez de caçá-las uma por uma

para saciar o desejo por carne humana cujo qual movia meus instintos mais primitivos.
Havia me tornado uma lobisomen e nada iria ficar em meu caminho naquela noite.



A hand holding a glowing blue globe with a map of South America, set against a starry night sky. The globe is illuminated with bright blue light and contains a map of South America. The hand is dark and appears to be holding the globe from below. The background is a dark blue night sky filled with stars and a faint, glowing blue nebula or star trail.

APRESENTAMOS O CONTO
QUANDO NOS CONHECEMOS

Por Marcos Paz de Souza

Nasci em Cascavel no Paraná, historiador por formação. Com o tempo, vieram as paixões e com ela também as frustrações neste momento aprendi a decifrar o que os sentimentos, transformando em belas palavras para inspirar leitores através de histórias traduzidas do coração.

Era um lugar bagunçado em meio a vários armários cheio de papéis inúteis que estavam arquivados, nem parecia um instituição séria de ensino superior, ela uma moça inteligente, disposta a conquistar a todos daquele setor, o ano era 2016, mas desde o início os santos não bateram e o fator principal que pesava para essa animosidade eram os imensos e irresolvíveis problemas que cada um tinha durante sua demanda diária, sempre foram afastados pelas portas de cada sala, pouca conversa, choro e muito estresse, nada nos unia a não ser os dias de vestibulares pois o trabalho tinha que ser em conjunto, as poucas conversas demonstravam um bom gosto em comum ao rock e talvez uma ou duas vezes uma conversa no estacionamento fumando um cigarro e falando qualquer assunto que não fosse ligado ao trabalho e as brincadeiras também tinham uma pitada ácida como a vez que te um retalho de espelho retrovisor foi o presente, para ver se melhorava ao fazer a baliza.

E como fazer para quebrar a barreira da animosidade?

Quem diria que tantos desafetos eram sinais de amor?

Aquele cara marrento, metido, nariz empinando...

Nunca imaginei que fosse olhar para ele de outra forma.

Sentia ranço. Evitava chegar perto.

Com um sorriso amarelo, trocávamos apenas alguns cigarros e meia dúzia de palavras. Ásperas. Secas.

Nos encontrávamos no nosso pub favorito e fingíamos que estava tudo bem. No fundo, a raiva crescia.

Falso, eu pensava.

Até que um dia começamos a compartilhar textos. Os mais diversos.

Incentivamos um ao outro a continuar a escrever.

E foi assim que pude conhecer sua alma, despida de qualquer preconceito, de qualquer marra.

Então, brotou uma admiração e um pouco de afeto.

No fundo, eu sabia que ele não era uma pessoa ruim. Eu que tinha pensamentos errados.

Conversamos algumas vezes e percebemos que éramos muito parecidos.

Um ano depois já não dividíamos o mesmo setor, estava liberta do pior desafio de sua vida, trilhamos caminhos diferentes, também já não tinha mais seu namorado ao lado, era vida nova, as diferenças foram esquecidas e por vezes trocavam isqueiros e mais um cigarro era aceso, naquela mesma área de fumante do lugar favorito para as festividades boêmias, mesmo nas noites de maior bebedeira os pensamentos não se conectam ao ponto de ficarem, sua beleza era impossível de passar despercebida seu rosto angelical, claro que no fundo os desejos percorriam meu pensamento, mas se te dissesse algo naquele momento, você toparia?

Talvez houvesse um amor reprimido naquilo tudo.

Um dia, nos embriagamos e um beijo aconteceu.

E foi como se estivéssemos à procura um do outro por toda uma vida.

E era isso.

Nos buscávamos constantemente, até nas desavenças.

Sentíamos falta de estar próximos.

Sentíamos falta de um carinho e um abraço acolhedor.

Nos encaixamos.

Fizemos amor ali mesmo, no chão da sala, ao som das nossas bandas favoritas de rock and roll.

Até nisso combinávamos.

Sabíamos o que faltava para o outro.

Sabíamos o que nos completava.

E era nós.

Era, simplesmente, nós.

Nos encontramos.



A hand holding a glowing blue globe with a map of the world, surrounded by a starry space background.

APRESENTAMOS O POEMA

ANGÚSTIA CORTANTE

Por Maria Eduarda Ferrari Gazola

Maria Eduarda é uma estudante de farmácia e que possui inúmeros sonhos. Ainda pequena conheceu o mundo das palavras, das histórias e nunca mais quis sair dele: romances clichês, poemas, mitologias, fantasias, magia, mulheres fortes e até gibis fazem parte de seu cotidiano.

O céu se cobria com um manto negro
Tudo tranquilo como superfície límpida d'água
Quando subitamente o firmamento é cortado por um grito de fúria
Causando sobressalto em quem ouve esse urro de terror
Sem saber a causa desse áspero som
A noite finaliza com a dúvida de quem escutou
Sem saber que o dono desse grito
É alguém que berra de angústia por ver como o mundo está
E vive na incerteza de como ele será
Sem saber se chegará a ver este lugar renascer
É um grito que rompe da garganta
E que mostra a aflição de muitos
E sumindo na escuridão esse ser sai das vistas
Solitário e irado caminha para levar a outros
Seu uivo de inconformação e mágoa
E mostrar que a vida não passa de uma consequência
Da realidade enferma que assola a humanidade



A glowing blue globe with a hand reaching up to it, set against a starry space background. The globe is the central focus, with a hand reaching up from the bottom. The background is dark with many small white stars and some blue light trails.

APRESENTAMOS O CONTO

UIVO

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "O Olhar de Hiro-saki", "Os Fantasmas de Vênus", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. Informações: Google. Instagram: @robertoschima. Con-tato: rschima@bol.com.br.

Oh, bela carne!

Quente e macia.

Quão sagrada ela é.

Sem ela por alimento,

Tão feroz é o tormento.

Em um céu desprovido de nuvens, a Lua Cheia resplandecia acima do vale. Um véu de prata repousava sobre as colinas, os rochedos, os bosques, o rio e as casas. As árvores exalavam o odor do início de Outono, preparando-se para se despir de suas folhagens. Estava frio e silencioso. E, em suas cabanas de madeira, as famílias jantavam sob a luz das lareiras.

De repente, a quietude foi rompida por um lamuriar pungente.

Se a escuridão tivesse um sussurro, seria o do vento por entre as ramagens. Mas, se soubesse cantar, aquela nota melancólica e duradoura seria a sua melodia:

O uivo.

Breve, surgiu a resposta, mais aguda.

Algures, os uivos prosseguiram noite adentro sob o cintilar das estrelas.

Talheres estacionaram a meio caminho entre o prato e a boca. Olhares se cruzaram. Por mais que estivessem acostumados, era impossível não sentir um calafrio na espinha oriundo do dedo gelado da superstição. Então, aliviados, sorriram, encerrando o breve suspense. Dentes mastigaram avidamente as batatas e a carne cozida.

Se o casal de lobos iniciou sua patrulha, tudo estava bem como sempre estivera no vale e nas montanhas.

— São nossos guardiões — costumavam afirmar.

Protegem a população e até os rebanhos — por mais extraordinário que fosse — dos predadores.

Eram uivos felizes porque, em breve, a alcateia iria aumentar.

Vargenberg.

Não passava de um povoado de pouco mais de cem habitantes.

Bem ou mal, todos se conheciam, todos possuíam algum laço de parentesco ou afinidade entre si.

E todos viviam em paz. Se havia alguma rusga — como em toda e qualquer família —, não tardava a ser resolvida e cada qual retornava a sua hereditária rotina.

Audrey e Christopher eram licantropos.

Tinham nascido no vilarejo fazia muito e muito tempo atrás, quando esse não passava de uma aldeia erguida pelos clãs amigos. Christopher era consideravelmente mais velho do que Audrey, contudo, isso não impedira que se amassem. Fora providencial. Sendo o primeiro lobisomem nascido em seu seio e dado os laços que uniam as famílias, o povo da época recusara-se a sacrificá-lo. Nas noites de Lua Cheia, procuravam alimentá-lo com generosos bocados de carne de ovelha a fim de aplacar a natureza selvagem da criatura. Assim, tanto ela quanto o aspecto humano de Christopher tornaram-se amigos e protetores de seus benfeitores. Por várias décadas, porém, Christopher fora um homem solitário. Até que Audrey nascera e descobrira-se ter ela também herdado a maldição do sétimo filho.

— Alegre-se, Chris — disseram —, ganhou uma companheira.

Com a paciência que somente um espírito solitário seria capaz de suportar, ele aguardara receoso o desenvolvimento da menina em mulher. Seus temores se dissiparam quando, enfim, Audrey o fitara cheia de paixão nos olhos.

E eram eles que, de tempos em tempos, saíam pelos bosques e florestas, colinas e montanhas, em suas formas lupinas a fim de caçar lebres selvagens, corças ou servirem-se da carne que os moradores, de antemão, deixavam numa plataforma sobre um rochedo não por acaso chamado de Cabeça de Lobo. Caso surgissem lobos, lince ou até ursos-pardos tratavam de expulsá-los de seu território. Pois que não ficasse a menor dúvida quanto aos licantropos: quanto mais antigos eram, mais poderosos se tornavam. E não somente isso: adquiriam mais consciência durante seus estados bestiais, conseguindo controlá-los, ainda que parcialmente. Se isso aparentava ser uma vantagem, com maior frequência acrescentava mais dor à triste maldição.

— Não o incomoda estar desperto em suas fases de fera, ciente de tudo o que ela faz? — indagara Audrey a Christopher no começo do romance, quando a mulher, no estado lupino, ainda era incapaz de se lembrar.

Christopher era pouco mais de um século mais velho do que ela. Respondera:

— Ah, minha pequena *Hamtammr*, de que vale sofrer pelo que não se pode evitar? A princípio, confesso, foi terrível. Quantas vezes não pensei em dar fim a existência, não fosse pelo afeto dos aldeões? Os pássaros foram agraciados com a capacidade de tocar as nuvens, mas tiveram de abrir mão do poder de abraçar seus filhos. Que adianta-lhes chorar? Pelo menos, na maior parte do tempo temos uma fase humana na qual podemos viver normalmente, inclusive à luz do dia, privilégio que foi negado ao *wampir*.

Numa noite fatídica, porém, a aliança foi rompida.

Audrey e Christopher corriam atrás de algumas lebres, distantes da Cabeça de Lobo. Por vezes, o instinto exigia isso, em vez de devorar a carne pronta sobre a plataforma.

Um homem do vilarejo chamado Olaf subiu até o local a fim de limpar os restos de alimento e, assim, evitar que atraísse os animais selvagens. Já fizera o serviço diversas vezes e nunca encontrara problema. Vez ou outra, precisara disparar sua pistola para afugentar algum animal. E fora o suficiente. Mas nunca apontara para o alvo, pois tinha o coração bom e amava todas as criaturas.

Agora, porém, o que quer que estivesse se esgueirando na mata, era diferente de tudo o que já ouvira. A coisa não só não se apavorou com o estrondo da arma como pareceu irritá-la. Os rosnados tornaram-se cada vez mais próximos e ameaçadores. Então, avançou.

A última coisa que Olaf viu foi o par de olhos de fogo a emergir das trevas em sua direção.

Nesse caso, sequer teve a opção de mirar no monstro e, tampouco, seria capaz de amá-lo.

O ataque foi rápido e fulminante.

Encontraram o que restara de sua carcaça uma hora depois.

Quem achou foi o próprio pai, Gustav, preocupado com a demora do filho em retornar. Era um homem corpulento, de posses, e, ao contrário da maioria, de temperamento intragável. Não se podia culpá-lo de todo, afinal, até sua amada esposa fugir com um forasteiro de um vilarejo vizinho, levava uma vida amena de fazendeiro bonachão. Depois do ocorrido, tornara-se tão taciturno quanto a maior parte do clima em Vargenberg. O fato de ter alcançado os dois na estrada, morto o amante dela a golpes de machado *viking* e estrangulado a esposa devagar, enterrando-os sob uma bétula, era apenas um detalhe. O sol simplesmente desaparecera do horizonte de Gustav, exceto pela pureza de Olaf, sua única fonte de luz. No entanto, para o seu absoluto desespero, vira-se mergulhado na completa escuridão.

O filho não fora simplesmente assassinado. Trucidaram-no. Devoraram o rosto e parte do ombro e dos braços. No mais, foi despedaçado e seus restos esparramados numa imensa poça de sangue. Havia marcas de garras e dentes em toda parte. Outra coisa que chamou a atenção foram os nacos de carne intactos sobre a plataforma.

Fosse o que fosse a besta que atacou Olaf, estava menos com fome e mais interessado em massacrá-lo.

— Foram eles! — gritou Gustav em prantos. — Foram eles!

Ninguém levou o homenzarrão a sério, embora as pessoas tivessem um temor respeitoso diante de seu tamanho, sua personalidade irascível e poder econômico.

— Eles vão me pagar! — vociferou para a noite, razão cegada pela dor. — Vão me pagar!

Pouco antes do amanhecer, quando a Lua Cheia havia horas tinha desaparecido, a cabana de Audrey e Christopher foi invadida por quatro homens: Gustav e três beberrões convencidos dos argumentos daquele mediante a promessa de dinheiro e bebida.

Somente Audrey — já na forma humana — encontrava-se presente, pois o companheiro fora procurar madeira para reformar o telhado. Ela era um lobisomem jovem. Apesar de não se lembrar do que fazia quando transformada, tinha certeza de que

a sua ferocidade era mantida sob controle por Christopher. Jamais teria feito mal para Olaf a quem, de resto, conhecia e apreciava. Contudo, nada que argumentou conseguiu deter a brutalidade dos desalmados. Foi espancada, arrastada para fora da casa e pendurada no galho de uma árvore. A seguir, atearam fogo ao seu corpo ainda em vida. Se fosse um lobisomem antigo, não somente sua memória seria completa, mas teria força para reagir e, até, transformar-se em fera por vontade própria, sem necessitar da energia do luar. As lendas diziam que somente uma bala de prata benzida pela Igreja poderia matar um lobisomem. Não era verdade. Sua maior vulnerabilidade residia enquanto estava na forma humana. Audrey descobriu isso da pior maneira.

— Queime, monstro! — berrou Gustav. — Agora, vamos caçar o outro. Eu pago o triplo!

Quando Christopher voltou, fumaça ainda saía do corpo da mulher. A razão fugiu-lhe por completo e a fera dentro de si emergiu ensandecida.

Um dos homens ficara de tocaia na cabana e atirou contra ele. Nada aconteceu. Foi encurralado por Christopher e confessou todo o ocorrido, antes de ser feito em pedaços.

Embora estivesse amanhecendo, o lobisomem embrenhou-se na floresta, protegido pelas sombras das árvores. Seu faro logo localizou os assassinos. Abateu-se sobre eles com fúria sanguinária. Os dois fanfarrões foram mortos rapidamente. Restou Gustav que, mesmo descarregando sua arma contra Christopher, não conseguiu abatê-lo.

— Por que, desgraçado — rosnou o lobisomem —, por quê?

— Vocês mataram meu filho!

— Não fomos nós, maldito! Estávamos longe... Por quê?

Apesar de apavorado, o ódio pela perda do filho e a inveja pela felicidade em que o casal vivia, encheu-o de uma petulância que não pôde ser detida:

— Cedo ou tarde, iria acontecer, demônio do inferno. Sim: você, sua esposa, toda a sua espécie. Malditos sejam perante o Criador!

Christopher teve gana de esquartejá-lo. Custou-lhe toda a sua humanidade domar a criatura que resistiu até o último momento, mas acabou contida. Não de todo, porém.

Uma de suas garras cravou-se fundo no rosto de Gustav e foi descendo através dele, do peito até alcançar o abdômen, deixando um rastro profundo na carne.

O homenzarrão gritou de agonia, enquanto seu corpo tremia e encharcava-se de sangue.

— Minha esposa estava grávida — rosnou Christopher. — Pagará pelas duas mortes. Encontrará seu fim não pelas minhas mãos, mas daqueles omissos na vila cujas vidas irá desgraçar.

Dito isso, mordeu ferozmente um dos braços de Gustav. Este berrou e, antes de perder a consciência, escutou junto ao ouvido:

— Tornar-se-á o demônio do inferno do qual falou. Trará lágrimas, pavor e morte ao vilarejo. Será caçado e morto por isso. E até o dia em que o diabo vier reclamar sua alma, recordar-se-á da monstruosidade que acabou de cometer.

No futuro, outros lobisomens surgiriam na região em razão dos ataques de Gustav. Vargenberg faria jus ao nome que ostentava: a montanha do lobo.

À semelhança de um funeral *viking*, Christopher depositou o corpo carbonizado da esposa no interior da cabana e ateou fogo em tudo.

Embora tivesse certeza de que toda a movimentação não passara despercebida dos aldeões, nenhum deles apareceu para compadecer-se de sua dor ou vingar a morte dos três homens e o destino de Gustav.

As chamas da pira funerária elevaram-se a dez metros de altura. A fumaça atingiu altura maior, alcançando as nuvens.

— Adeus, Audrey... — murmurou.

Seu uivo foi o mais longo e o mais lamentoso jamais emitido.

Em seguida, partiu a fim de concluir a sua vingança: seguir o forte odor deixado na Cabeça de Lobo. Iria localizar e eliminar o mal representado pelo lobisomem que invadira seu território e assassinara Olaf. O amaldiçoado em sua forma humana sequer viria a saber: ele trouxera a tragédia para o inusitado e pacífico convívio entre os licantropos e os habitantes de Vargenberg.

Depois, Christopher deixaria o destino decidir sua sorte mais a frente, pois nada mais lhe restava ao fitar para trás.

*Quando o alvorecer
É mais do que deixar para trás,
Mais do que esquecer.
É o despertar sob uma nova luz,
Um recomeço, uma oportunidade.
Seguir com o vento e as nuvens,
As pistas deixadas pelo Sol,
Não obstante o frio da noite
E as estrelas que se perderam no caminho.*





APRESENTAMOS O POEMA

EXCELENTÍSSIMA ENFERMIDADE

Por Samira Benassi Silveira

Com 17 anos de idade, atualmente cursa o terceiro ano do ensino médio, escreve textos e poesia por hobby. Tem grande interesse pelo teatro, onde coleciona experiências desde os 11 anos, e pretende seguir carreira de atriz. Além de ser apaixonada a tudo que é arte.

Eu nem te vejo
Eu nem te sinto
Eu nem te toco
Ah, mas você...
Você é esperto rapaz...
Sutilmente se instalou
Dominou
Alastrou
E na beneficência do temor humano
Trancou
Fechou
Separou
Isolou
E como se já não bastasse
Até fez-se expirar a vida de inocentes
E, aos montes
Leva consigo em meses
O que vida toda não foi capaz

Eu nem te vejo
Eu nem te sinto
Eu nem te toco
Ah, mas eu te conheço bem
Não se cansa, né?
Nunca é suficiente, né?
O caos é teu melhor amigo
Agora ele se familiariza
E traz novos companheiros a todos
E como uma boa visita

Trouxe comida
E alimentou os monstros
Antes adormecidos,
Se corromperam em carrapatos da sanidade
O imaculado e vívido sangue
Neste momento, é parte deles
Me contendo com resto

Mas pelo menos me diga
Está feliz?
Está satisfeito?
Conseguiu o que queria?
Serei teu pior inimigo
E assim como sua adoração pelo poder
Sou perdidamente apaixonada pela justiça



A glowing blue globe with a hand holding it, set against a starry background. The globe is the central focus, with a hand reaching up from the bottom to hold it. The hand is dark and has long, sharp claws. The globe is surrounded by a network of glowing blue lines and particles, giving it a digital or ethereal appearance. The background is a dark blue space filled with white stars and a few larger, fainter stars.

APRESENTAMOS O POEMA

ANJO E DEMÔNIO

Por Tiziana Perozzo Strazzeri

Sou carioca, gosto de escrever como forma de desabafo, faço isso desde sempre. Sempre gostei de cantar e compor também.

novamente nessa cidade
olhando calmamente a paisagem
quando nossos olhares se encontram
e como se tudo ao redor não contasse
a única coisa que temos certeza
é que isso é impossível
eu fico travada com a sua beleza
mas não há o que fazer

porque você é um anjo
eu sou um demônio
eu manipulo os sonhos
você tomou essa cidade com a suas asas
minha beleza é oculta
todos esses olhares de reprovação
me deixam totalmente maluca
mas eu me levanto e continuo o que eu comecei
pois é a única coisa que eu sei

você aí com seu rostinho perfeito
eu não consigo ver nenhum defeito
mas o que achariam da nossa versão de Romeu e Julieta?
eu nunca seria taxada de perfeita

como um tal demônio como eu seria eleita

aquela a admirar suas asas

sinto uma dor no peito

acho que isso é especial

você é o anjo que fez eu me tornar assim

por que você teve que ser tão cruel pra mim?

quando nos olhamos nós destruimos essa cidade

essa diversidade de cores no seu olhar

eu quero sentir seus lábios

tocando os meus rápido

lento

devagar

eu só sei que com esse anjo eu quero estar



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE A CAPA

VISITE: WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/PROJETOAUTOESTIMA

WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTAPROJETOAUTOESTIMA

E-MAIL: ELENIR@CRANIK.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI